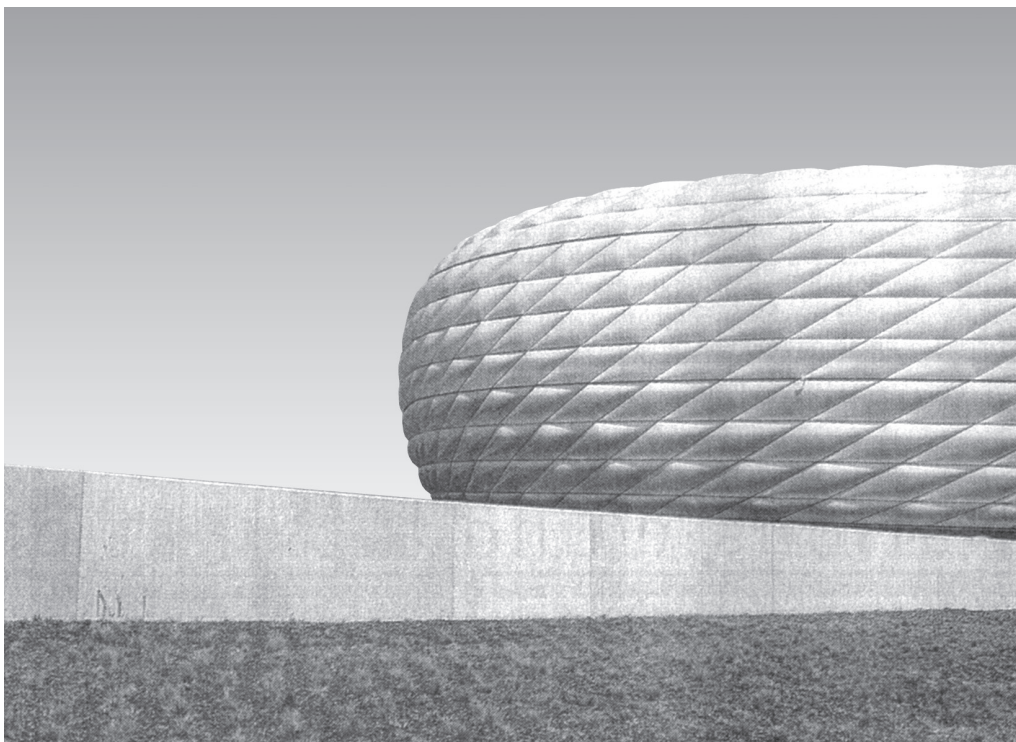




A construção é circular e o ambiente é fechado

Mais uma vez o futebol merece o tom e o dom do urbanismo, da construção e do ambiente. Na última dezena de anos, os estádios pouco mais eram do que concentrados de betão. O futebol não necessitava de arquitectura e de urbanismo. Tão pouco se devia preocupar com regras e princípios ambientais. O que era preciso era dinheiro. A saga megalómana dos estádios portugueses do Euro ficou marcada por algumas excepções, e, num caso exemplar — o estádio de Braga —, demonstrou mesmo que o jogo era também um desafio à criação colocando o estádio em contacto com o espírito do lugar e erguendo uma arena futebolística em imaginativa obra de arte. Os impulsos urbano-futebolísticos prosseguem agora na Alemanha onde se realizará o campeonato mundial de 2006. O novo arena de Munique, cujo custo se aproxima dos 280 milhões de euros, dá mais um passo na fabricação do subsistema futebolístico. A arquitectura — e, consequentemente, o urbanismo e o ambiente — das “catedrais do futebol” perde visivelmente a “responsabilidade pelo solo”, voltando-se sobre si mesma e fechando-se ao meio-ambiente. Possivelmente, as teorias dos sistemas sociais encontram aqui a face mais visível das pretensões organicistas. Tudo está dentro do sistema fechado: classes de espectadores, classes de entradas, classes de “claques”. Até as cores obedecem ao fecho do sistema: o azul do céu e o verde da relva.

¹ Ver o sumário DIE ZEIT, n.º 17, de 21 de Abril de 2005, que serviu de inspiração a esta nota e da qual retirámos a gravura.

Não se sabe se a sustentabilidade ambiental mereceu avaliações estratégicas de impacto. Tão pouco há informações suficientes quanto à utilização dos instrumentos modernos de protecção do ambiente: informação, procedimento, autoregulação e flexibilização. Estamos em crer que os cidadãos — de Munique e de outros lugares — estão agora menos empenhados em protestar como outrora o fizeram com o alargamento do aeroporto. Um sistema fechado e orgânico não é uma via aberta para decisões democráticas. E talvez isso interesse pouco: as vibrações nacionalistas, os ecos dos cânticos, a cumplicidade das “claques”, a circulação dos negócios, a fúria das vitórias, a mundialização dos “sponsors”, estão mais em sintonia com as arenas globais. Os arquitectos suíços Jacques Herzog e Pierre de Meuron compreenderam isso: um estádio não serve para roubar ilusões mas talvez contribua para nos criar algumas. O jogo das ilusões a observar o jogo casa-se bem com o mistério suspenso do céu e enraizado na relva¹. Quem disse que os estádios e os seus arredores eram “não lugares” urbanísticos?

José Joaquim Gomes Canotilho